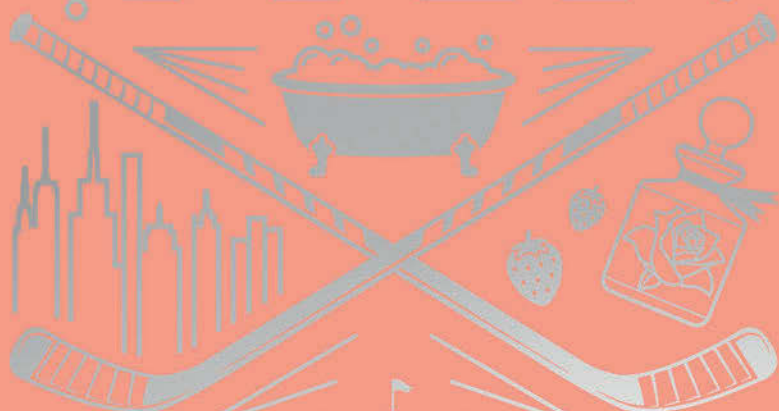




OFF-CAMPUS #3



JOGO



DEAN

ALLIE

ELLE KENNEDY



1

Allie

Sean: Podemos falar?

Sean: Por favor?

Sean: Mas que raio, Allie. Depois de tudo o que passámos, mereço mais do que disso.

Sean: Não estavas a falar a sério quando disseste que estava tudo acabado, pois não?

Sean: Importas-te de me RESPONDER, porra?!

Sean: Sabes que mais? Que se lixe. Queres continuar a ignorar-me? Como queiras.

Constato que tenho seis mensagens por ler quando estou a sair do centro de *fitness* do *campus* e olho para o telemóvel numa sexta-feira à noite. São todas do Sean, o meu ex-namorado desde ontem à noite. E embora me tenha apercebido de que ele rapidamente passou de suplicante a irritado, dou por mim concentrada no erro gramatical da mensagem.

Mereço mais do que isso.

Isso, não *disso*. E duvido que a culpa seja do corretor automático, porque o Sean não deve muito à inteligência.

Pronto, não é bem assim. Ele é muito inteligente para algumas coisas, como, por exemplo, o *basebol*. A sério, os números dele são impressionantes, equiparando-se até aos atingidos na década de 1960.

Mas não é propriamente bom aluno. E também não é bom namorado, pelo menos de há uns tempos para cá.

Nunca quis ser uma daquelas raparigas que termina e reata com o mesmo rapaz vezes e vezes sem conta. Achava mesmo que era mais forte do que isso, mas o Sean McCall tem um domínio sobre mim desde o meu primeiro ano na Universidade Briar. Diria que me conquistou com o seu ar betinho e sorriso de menino. Tem um sorriso maravilhoso, travesso, e quando sorri aparecem-lhe umas covinhas, que prometem mundos e fundos.

Torno a olhar para o telemóvel e a minha preocupação volta a trepar pelas paredes, como a hera no edifício atrás de mim. Bolas. Sobre o que é que ele quer falar? Dissemos tudo o que tínhamos de dizer ontem à noite. Quando lhe disse que estava farta e saí de rom-pante pela porta da residência dele, estava a falar a sério.

Estou farta. Esta é a quarta vez que terminamos em três anos. Não posso continuar a sujeitar-me a isto, a este ciclo doentio de felicidade e sofrimento, sobretudo quando a pessoa com quem devia estar a construir um futuro está determinada a impedir-me de avançar.

Mesmo assim, sinto uma tristeza no coração. É difícil esquecer alguém que foi uma parte tão importante da nossa vida durante tanto tempo. E é ainda mais difícil quando essa pessoa se recusa a *libertar-nos*.

Suspiro e desço as escadas à pressa, em direção ao caminho de pedra que percorre o *campus*. Normalmente paro um pouco a apreciar a vista, os imponentes edifícios antigos, os bancos de ferro forjado e as árvores maciças, mas esta noite só me apetece ir diretamente para o meu quarto, enfiar a cabeça debaixo dos lençóis e esquecer-me do mundo. Felizmente posso fazer isso, porque a minha colega de quarto, a Hannah, foi passar o fim de semana fora, o que significa que hoje não vou levar um sermão acerca dos perigos emocionais de me deixar levar pela depressão.

Se bem que ontem à noite ela deixou de lado os sermões e decidiu apoiar-me, assumindo o papel de melhor amiga. Assim que entrei pela porta depois de ter acabado com o Sean, a Hannah estava

à minha espera na sala comum com uma embalagem de gelado, uma caixa de lenços de papel e duas garrafas de vinho tinto, e passou metade da noite acordada a entregar-me lenços e a ouvir-me tagarelar sobre coisas sem nexos.

As separações são uma *merda*. Sinto-me um autêntico fracasso. Quer dizer, sinto-me uma desistente. O último conselho que a minha mãe me deu antes de morrer foi nunca desistir do amor. Na verdade, ela repetiu-mo diversas vezes antes de ficar doente. Não estou a par dos pormenores todos, mas todos em minha casa sabiam que o casamento dos meus pais andou tremido mais do que uma vez durante os dezoito anos em que estiveram juntos. E, mesmo assim, eles ultrapassaram as crises. Eles *trabalharam* o casamento.

Sempre que penso que deixei o Sean ontem, sinto náuseas. Talvez devesse ter lutado mais por nós. Quer dizer, eu sei que ele me ama...

Se ele te amasse, não te teria feito um ultimato, assegura-me uma voz rouca. *Fizeste a coisa certa*.

Sinto um aperto na garganta quando reconheço a voz que ouço na cabeça. É a voz do meu pai, que por acaso é o meu maior apoiante. Para ele, eu nunca faço nada de mal.

É uma pena que o Sean não pense da mesma forma.

O meu telemóvel toca quando estou a cinco minutos da Bristol House, onde partilho um dormitório de dois quartos com a Hannah.

Merda. Outra mensagem do Sean.

E, para piorar, diz: Peço imensa desculpa por ter escrito um palavrão, miúda. Foi sem querer. Estou chateado. És a melhor coisa que tenho. Espero que saibas disso.

Recebo uma segunda mensagem: Vou a tua casa depois das aulas. Para conversarmos.

Detenho-me, invadida por uma sensação de pânico. Não tenho medo do Sean, pelo menos não fisicamente. Sei que ele nunca me levantaria a mão nem teria um ataque de raiva. Mas receio cair na cantiga dele. Ele tem *muito* jeito para isso. Basta chamar-me *amor* e esboçar aquele sorriso adorável, que eu deixo-me logo ir.

Sinto um misto de raiva, medo e irritação enquanto releio as mensagens. Ele está a fazer *bluff*. Ele não viria a minha casa sem ser convidado, pois não?

Macacos me mordam.

Com os dedos a tremer, encontro o número da Hannah. Depois de dois toques, ouço a voz tranquilizante da minha melhor amiga.

— Olá. Que se passa? Estás bem?

Ouço um murmúrio ao fundo. Uma voz de mulher... é a Grace Ivers, a namorada do Logan, o que significa que a Hannah e o namorado dela, o Garrett, já partiram de fim de semana para Boston. Ela convidou-me para ir com eles, mas eu recusei, porque não queria segurar a vela. Dois casais loucamente apaixonados e eu? Dispensio, muito obrigada.

Agora arrependo-me de não ter aceitado o convite, porque vou passar o fim de semana sozinha e o Sean quer *conversar*.

— O Sean vem cá esta noite! — exclamo.

A Hannah suspira.

— O quê? *Não!* Porque é que aceitaste...

— Não aceitei nada! Ele nem sequer me perguntou se eu me importava. Simplesmente enviou-me uma mensagem a avisar que vinha cá.

— Mas que raio? — Ela parece tão desagradada quanto eu.

— Exato! — Sou invadida por uma sensação de pânico. — Não posso vê-lo, Han. A separação ainda é recente. Se ele vier cá, ainda acabo por aceitá-lo de volta.

— Allie...

— Achas que se desligar as luzes e trancar a porta ele vai pensar que não estou em casa e se vai embora?

— Conhecendo o Sean como conheço, ele vai esperar à tua porta a noite toda. — A Hannah pragueja. — Sabes que mais? Não devia ter concordado em vir a este jogo dos Bruins. Devia estar em casa contigo. Espera, vou dizer ao Garrett para voltar para trás...

— Nem penses — interrompo. — *Não* vais cancelar a tua viagem por minha causa. Esta é a tua última oportunidade para fazeres algo divertido.

O namorado da Hannah é capitão da equipa de hóquei no gelo da Briar, o que significa que os treinos e os jogos vão ocupar-lhe a maior parte do tempo, agora que a temporada começou. E a Hannah não poderá vê-lo com tanta frequência. Recuso-me a ser a pessoa que estraga um raro fim de semana de liberdade para eles.

— Só quero um conselho. — Engulo em seco. — Por isso, diz-me o que fazer, por favor. Achas que peça à Tracy para me deixar dormir no quarto dela?

— Não, é melhor não estares na Bristol, se o Sean andar a vaguear pelos corredores. Podes pedir à Megan... Ah, não, espera, o novo namorado dela vem passar o fim de semana cá. Eles devem querer ficar sozinhos. — A Hannah parece pensativa. — E a Stella?

— Ela e o Justin foram viver juntos na semana passada. Não vão querer uma convidada de última hora.

— Espera um segundo. — Segue-se outra pausa demorada. Ouço a voz abafada do Garrett, mas não consigo perceber o que ele está a dizer. E depois a Hannah volta à chamada. — O Garrett diz que podes ficar em casa dele no fim de semana. O Dean e o Tuck vão estar lá, por isso, se o Sean descobrir onde estás e passar por lá, eles afugentam-no. — Volto a ouvir um murmúrio de vozes ao fundo. — Podes dormir no quarto do Garrett — acrescenta ela.

Fico indecisa. Quer dizer, isto é ridículo. Custa-me a acreditar que estou a considerar sair da minha própria residência por causa do Sean. Mas a minha mente é invadida pelas imagens do Sean a bater-me à porta. Ou pior ainda, a postar-se debaixo da minha janela com uma aparelhagem a tocar «Say Anything». Raios, e se ele puser aquela canção do Peter Gabriel? *Odeio* essa canção.

— Tens a certeza de que não há problema? — pergunto.

— Sim. É na boa. O Logan está a enviar uma mensagem ao Dean e ao Tucker a avisá-los. Podes ir para lá quando quiseres.

Sinto-me ao mesmo tempo aliviada e culpada.

— Podes pôr-me em alta-voz? Quero falar com o Garrett.

— Claro que sim. Espera um segundo.

Minutos depois, ouço a voz grave do Garrett Graham.

— Os lençóis limpos estão no armário das toalhas, e talvez seja boa ideia trazeres a tua almofada. A Wellsy acha que as minhas almofadas são muito moles.

— E *são* muito moles — protesta a Hannah. — Parece que estamos a dormir num *marshmallow* empapado.

— É como se estivesses a dormir numa nuvem fofa — corrige-a o Garrett. — Confia em mim, Allie, as minhas almofadas são boas. Mas traz a tua, para o caso de não gostares.

Solto uma gargalhada.

— Obrigada pelo aviso. Mas tens a certeza de que não há problema? Não quero dar trabalho.

— Não há problema nenhum, miúda. Basta mostrares esses olhos azuis ao Tuck e ele prepara-te um bom jantar. Oh, e o Logan já avisou o Dean para não se fazer a ti, por isso não precisas de te preocupar, que ele não vai tentar seduzir-te.

Pois sim. O Dean Heyward-Di Laurentis é o maior engatão do planeta. Sempre que o vejo, ele tenta saltar-me para cima. E nem sequer consigo sentir-me especial por causa disso, uma vez que ele faz o mesmo a *todas*.

Mas isso não me preocupa. Eu sei lidar com o Dean, e o Tucker vai ser um bom escudo de proteção entre mim e o colega de casa atiradiço dele.

— Agradeço muito — digo ao Garrett. — A sério, fico a dever-te uma.

— Nada disso.

A Hannah volta a falar.

— Envia-me uma mensagem quando chegares lá, está bem? E depois desliga o telemóvel, para o Sean não te incomodar.

Já disse o quanto adoro a minha melhor amiga?

Desligo a chamada a sentir-me bastante melhor. Talvez seja boa ideia sair da residência durante o fim de semana. Posso encarar a situação como uma pequena escapadinha, uns dias para esfriar a cabeça e reorganizar as ideias. E enquanto o Dean e o Tucker estiverem por perto, não me sentirei tentada a ligar ao Sean. Desta vez

precisamos de um afastamento e de interromper o contacto, pelo menos durante umas semanas. Ou meses. Ou anos.

Para ser sincera, não sei se vou sobreviver a este rompimento. Estou apaixonada por este rapaz há anos. E a verdade é que o Sean tem as suas qualidades. Como quando ele apareceu à minha porta com sopa quando eu estava doente. E quando ele...

Alerta vermelho!

Disparam sinos de alarme na minha cabeça, alertando-me para a minha estupidez. Não. Não vou voltar atrás. Não quero saber se ele tem gestos queridos, porque ele também tem outros gestos que *não* são tão queridos, como ficou provado na noite anterior.

Endireito os ombros e começo a caminhar mais depressa, determinada a manter-me fiel ao plano inicial. Eu e o Sean terminámos. Não posso vê-lo, enviar-lhe mensagens ou fazer o que quer que seja que me coloque no caminho dele neste momento.

O primeiro dia da minha vida sem o Sean começou oficialmente.

Dean

É sexta-feira à noite e eu estou deitado no sofá da sala a beber uma cerveja enquanto duas loiras — duas loiras lindíssimas e nuas, diga-se de passagem — sugam a língua uma da outra à minha frente. A minha vida é maravilhosa.

— A melhor noite de sempre — digo eu, numa voz arrastada. Tenho o olhar colado na trajetória das mãos da Kelly enquanto elas deslizam na direção das mamas arrebitadas da Michelle. A Kelly aperta-as e eu gemo.

— Seria ainda melhor se as meninas trouxessem a festa para aqui.

Elas afastam-se, ofegantes, e riem-se enquanto olham para mim.

— Dá-nos um motivo para isso — provoca-me a Kelly.

Arqueio uma sobrancelha e depois estico a mão para agarrar o meu pénis ereto, puxando-o devagar.

— Isto não é motivo suficiente?

A Michelle é a primeira a vir na minha direção com as mamas e o rabo a abanar, enquanto sobe para o meu colo e encosta a boca à minha. Um segundo depois, a Kelly está encostada a mim com os seus lábios suaves e quentes junto ao meu pescoço. Meu Deus. Estou tão excitado que até me dói, mas estas duas deusas estão determinadas a fazer-me suplicar. Torturam-me com beijos demorados e arrastados e com as línguas molhadas e selvagens, dando-me lambidelas estratégicas e suaves que têm como propósito deixar-me louco.

Gostava de dizer que este pequeno *ménage à trois* é uma experiência nova para mim ou que o rótulo de engatatação que os meus colegas da equipa de hóquei me atribuem é um exagero. Mas não é. O rótulo é certo. Eu gosto de foder. Eu fodo bastante. Processem-me.

Gemo quando a Kelly coloca os dedos à volta do meu pénis.

— Meu Deus. Como é que tive tanta sorte?

— Ainda não sabes o que é sorte — diz a Michelle, enquanto empurra o cabelo comprido por cima do ombro. — Só te vens quando nós nos viermos, lembras-te disso?

Ela tem razão. Eu fiz uma promessa e tenciono cumpri-la. Ao contrário do que os idiotas dos meus amigos pensam, para mim o mais importante no sexo é a mulher. Ou, neste caso, as mulheres. Duas mulheres lindas e ávidas que não só estão interessadas em mim, mas também uma na outra.

Céu? Daqui fala o Dean Di Laurentis. Obrigado por me deixares visitar-te.

— Então, é melhor começar — anuncio, e depois deito a Michelle no sofá e colo a boca aos seios dela.

Apanho um mamilo com a boca e sugo com força, fazendo-a arquear as ancas no sofá enquanto geme. Vejo uma sombra pelo canto do olho. A Kelly dobra-se ao meu lado e lambe o outro mamilo da Michelle. Oh, meu bom Jesus. Gemo alto o suficiente para acordar um morto.

A Kelly levanta a cabeça e dirige-me um sorriso.

— Achei que precisavas de ajuda. — Depois começa a beijar o ventre liso da Michelle até chegar à dobra das coxas da amiga.

Esqueçam o céu. Isto é antes o nirvana.

Sigo o caminho que a Kelly percorreu e os meus lábios percorrem-lhe a pele bronzeada e as belas curvas até chegar ao local que me deixa com água na boca. A Kelly já o está a lamber. Cum caraças. Não sei se me vou conseguir controlar o tempo suficiente para que elas se venham primeiro. Já estou quase no limite.

Ignorando a palpação por debaixo de mim, humedeço o lábio inferior, encosto a boca à vagina da Michelle e... toca a porcaria da campainha.

Merda. Levanto o pescoço e olho para o centro de entretenimento. O relógio digital marca 20h30. Tento lembrar-me se convidei algum dos rapazes para vir a minha casa, mas não falei com mais ninguém hoje a não ser com os meus colegas de casa, e eles iam passar o dia fora. O Garrett e o Logan foram para Boston com as namoradas há uma hora, e o Tucker ia ao cinema esta noite com uma miúda qualquer.

— Já continuamos. — Lambo a coxa da Michelle num gesto de provocação e depois levanto-me do sofá para procurar os boxers.

Depois de enfiar os boxers, percorro rapidamente o corredor para abrir a porta. Quando vejo quem está do outro lado, semicerro os olhos.

— Má altura, boneca — digo eu à melhor amiga da Hannah. — A tua amiga já saiu. Volta cá no domingo. — Avanço para fechar a porta. Sim, sou um sacana mal-educado.

Infelizmente, a loira que está à porta coloca uma bota de neve preta entre a porta e o caixilho.

— Não sejas parvalhão, Dean. Sabes bem que vou passar aqui o fim de semana.

Arqueio as sobrancelhas.

— Como? — Olho para ela com mais atenção e é aí que reparo na mochila cheia que traz pendurada no seu ombro. E no trólei que tem pousado junto aos seus pés.

A Allie Hayes solta um suspiro enorme.

— O Logan enviou-te uma mensagem a avisar. Agora deixa-me entrar. Estou com frio.

Inclino a cabeça. E depois empurro com pouca suavidade o pé dela para longe da porta.

— Espera aqui. Já volto.

— Estás a gozar comigo...

A porta fecha-se quando ela solta uma expressão de indignação.

Irritado, dirijo-me novamente à sala de estar e constato que nem a Michelle nem a Kelly sequer se deram conta de que eu voltei, pois estão demasiado ocupadas numa sessão de marmelada. Demoro quase um minuto a encontrar o telemóvel e, quando finalmente o encontro no chão, descubro que a amiga da Hannah não estava a gozar comigo.

Tenho cinco mensagens por ler, o que não é de estranhar, tendo em conta que estava ensanduichado por duas boazonas. Quando estás num *ménage à trois*, nem te lembras do telemóvel. Quanto a isso não há dúvidas.

Logan: Mano, a Allie, a amiga da Wellsy, vai dormir em nossa casa este fim de semana.

Logan: Nada de sacar a pila das calças. Eu e o G não estamos com grande vontade de te dar uma tarefa se tentares alguma coisa. A Wellsy é capaz de recorrer à violência. Recapitulando: pila = calças = não incomodes a convidada.

Hannah: A Allie vai ficar em vossa casa até domingo. Ela está muito vulnerável neste momento. Não te aproveites dela, senão vais ter de lidar comigo. E tu não me queres pôr à prova, pois não?

Rio-me baixinho. A Hannah é sempre muito diplomática. Leio rapidamente as duas últimas mensagens.

Garrett: A Allie vai dormir no meu quarto.

Garret: A tua pila pode ficar no teu quarto.

Credo, que obsessão é esta com a minha pila?

Era impossível isto vir em pior altura. O meu olhar pesaroso incide no sofá. Os dedos da Kelly estão exatamente onde eu gostava de ter os meus neste preciso momento.

Pigarreio e as duas raparigas olham para mim. A expressão da Michelle é enevoadada devido à atenção especial que a amiga lhe está a dar.

— Odeio mesmo ter de fazer isto, mas vocês têm de se ir embora — digo-lhes.

Elas arregalam os olhos.

— Como assim? — pergunta a Kelly.

— Tenho uma hóspede inesperada à espera lá fora — resmungo.

— O que significa que as atividades sexuais estão proibidas.

A Michele solta um sorrisinho.

— Desde quando é que te importas que te vejam a fazer sexo?

É verdade. Normalmente estou-me a borrficar se há pessoas por perto. Aliás, na maioria das vezes, até prefiro. Mas não posso expor a minha intimidade à amiga da Hannah. Ou à Hannah e à Grace. Se fossem os rapazes, não me importava. Eles já me conhecem. Mas eu sei que o Garrett e o Logan ficariam desagradados por eu estar a corromper as namoradas deles. Assim que iniciaram uma relação séria, os meus antigos comparsas viraram uns pudicos. É triste, na verdade.

— Esta hóspede é uma flor delicada — digo, de modo seco. — Provavelmente desmaiava, se nos visse aos três juntos.

— Não desmaiava nada. — Ouço a voz irritada da Allie junto à porta.

Estou tão irritado quanto ela. A miúda entra em minha casa como se a casa fosse dela? Nem pensar.

Faço-lhe uma careta.

— Eu disse-te para esperares lá fora.

— E eu disse-te que estava com frio — responde ela. E parece não ter problema em estar a tão curta distância de duas raparigas nuas.

As minhas convidadas começam por estudar a Allie como se ela fosse uma bactéria debaixo da lente de um microscópio; a seguir, franzem os narizes e deixam de lhe prestar atenção, como se ela não passasse efetivamente de uma bactéria debaixo dos microscópios delas. As miúdas costumam revelar-se competitivas quando eu estou por perto, mas, para estas, claramente a Allie não é concorrência.

Também não as posso censurar. Ela está a usar um casaco preto enchumado, umas botas e umas luvas e conseguimos ver o seu cabelo loiro a escapar por baixo de um gorro vermelho. Estamos na primeira semana de novembro, não há neve no chão, o ar não é propriamente frio, por isso não se justifica tanto agasalho. A não ser que lhe falte um parafuso. Mas eu começo a suspeitar que a Allie Hayes tem um em falta, porque a miúda entra na sala de estar como se nada fosse e senta-se na poltrona em frente ao sofá.

Abre o fecho-éclair do casaco, olha para as minhas convidadas e depois novamente para mim.

— Porque não levas a festa para o andar de cima? Eu fico aqui a ver um filme ou assim.

— Ou então podes ir tu para o quarto do Garrett ver um filme no andar de cima — digo, num tom vincado. Mas, para ser sincero, tanto dá uma coisa ou outra. Ela já estragou o ambiente e eu não me sinto confortável a pinar com duas raparigas quando só estou eu e a melhor amiga da Hannah em casa.

Solto um suspiro e digo às raparigas:

— Fica para outra vez?

Nenhuma delas se mostra propriamente chateada. Pelos vistos, a menina Allie não estragou apenas o ambiente. Ela queimou a porcaria da terra e depois cobriu-a de sal para se certificar de que se tornava um terreno árido.

A Allie mal presta atenção às raparigas enquanto estas se vestem. Está demasiado ocupada a tirar as milhentas peças de roupa de inverno e a pousá-las no braço da poltrona. Já sem tanta roupa, parece muito mais magra, e dá para ver que está a usar umas leggings pretas e uma camisola larga. Não perde tempo a sentar-se confortavelmente na poltrona grande.

Acompanho a Kelly e a Michelle à porta e elas quase me arrancam os lábios para depois me dizerem que ficam à espera do próximo encontro. Despeço-me delas de lábios inchados e pénis novamente ereto.

Regresso à sala de estar exibindo uma expressão carrancuda que dificilmente conseguirei tirar.

— Foi divertido esse papel? — pergunto.

— Qual papel?

— O de empata-fodas.

A Allie solta uma gargalhada.

— Porque é que não levaste as loirinhas lá para cima? Não era preciso expulsá-las por minha causa.

— Não estavas mesmo à espera de que eu me enrolasse com elas sabendo que estavas cá em baixo, pois não?

Ela solta novamente uma gargalhada.

— Tu fazes sexo em público. A toda a hora. O que é que te importa se eu estou cá em casa? — Ela parece pensativa. — A não ser que o problema seja tu ires para o quarto. A Hannah disse que tu fazes sempre sexo na sala. Mas porquê? Tens percevejos na cama ou assim?

Cerro os dentes.

— Não.

— Então porque é que não dás uma queca lá?

— Porque... — Calo-me e depois adoto novamente uma expressão carrancuda. — Isso não te diz respeito. Aliás, porque é que vieste para aqui? Houve algum incêndio na Bristol House?

— Estou a esconder-me — diz ela, como se fosse suposto eu compreender o que ela quer dizer. Depois olha em redor da sala de estar. — Onde está o Tucker? O Garrett disse que ele estaria aqui.

— Ele saiu.

Ela faz beicinho.

— Que porcaria. De certeza que ele haveria de querer ver um filme comigo. Mas paciência, terei de me contentar contigo.

— Primeiro empatas-me a vida e agora estás a contar que eu queira passar tempo contigo?

— Acredita em mim, serias a última pessoa com quem eu queiria passar tempo, mas estou no meio de uma crise e tu és a única alma aqui em casa. Tens de me fazer companhia, Dean. Ou então ainda vou acabar por fazer uma parvoíce e estragar a minha vida. — Lembro-me de a Hannah me ter contado que a Allie é aluna de Artes Dramáticas. Sim, drama não lhe falta. — Por favor?

A sua expressão de súplica convence-me. E eu sempre me deixei seduzir por uns grandes olhos azuis. Sobretudo quando os olhos azuis pertencem a loirinhas bonitas com uma grande prateleira.

— Ganhaste — cedo. — Eu faço-te companhia, está bem?

A sua expressão aligeira-se.

— Que filme queres ver?

Apetece-me gritar. A minha noite de sexta-feira passou de um *ménage à trois* para uma sessão de *babysitting* da melhor amiga da namorada do meu melhor amigo.

Ah, e ainda tenho o pénis ereto por causa dos beijos de despedida da Michelle e da Kelly.

Que maravilha.



2

Allie

O meu autocontrolo está nas mãos do Dean Heyward-Di Laurentis, um homem conhecido por não ter qualquer autocontrolo. Logo, estou em apuros. Em grandes apuros.

Mas não o vou fazer. Não vou ligar ao Sean. Pouco me importa que há vinte minutos ele me tenha enviado uma fotografia da viagem que fizemos ao México no ano passado. Ele utilizou uma daquelas aplicações para desenhar um coração vermelho grande em redor das nossas caras.

Foi uma viagem maravilhosa...

Afasto a recordação da cabeça e pego no comando que está em cima da mesa de centro.

— Tens *Netflix* associada à televisão? — Olho para o Dean, que continua irritado com a minha presença.

Ou estou a imaginar coisas ou ele está com uma ereção. Mas eu sou simpática e não o vou picar, porque, em defesa dele, ele estava a cinco segundos de fazer sexo com duas raparigas antes de eu ter aparecido.

O meu olhar incide no tronco nu dele. Não vou mentir, o peitoral dele é espetacular. O rapaz tem o peitoral *definido*. Alto e magro, com uns músculos perfeitamente esculpidos. E tem uma barba loira sexy que encaixa na perfeição no seu rosto cinzelado. É mesmo uma pena. Alguém tão idiota não deveria ser tão bonito.

— Sim. Escolhe alguma coisa para vermos — diz ele. — Vou só lá acima bater uma e já venho ter contigo.

— Está bem. Acho que me apetece ver... espera, o quê?

Mas ele já se foi embora, deixando-me de boca aberta a olhar para a porta. Ele vai lá acima fazer *o quê*? Ele estava a gozar, certo?

Embora não seja boa ideia, ponho-me a imaginar. O Dean no quarto dele. Com uma mão à volta do pénis e a outra... a afagar os testículos? A prender os lençóis? Ou talvez esteja em pé apoiado sobre a secretária, a trincar o lábio inferior...

Mas *porque* é que eu estou a tentar resolver o mistério de como este tipo se masturba?

Abano a cabeça para reprimir os pensamentos e primo os botões do comando até encontrar a *Netflix* e depois começo a procurar os títulos de filmes mais recentes.

Menos de cinco minutos depois, o Dean regressa à sala de estar. Felizmente, vestiu umas calças. Só que deve ter tirado os boxers, e eu sei disso porque traz as calças tão baixas nas ancas que eu quase consigo ver... sítios que não me interessa ver.

Continua em tronco nu e tem um leve rubor nas faces.

— A sério que foste bater uma? — perguntei.

Ele acena com a cabeça como se não houvesse problema nenhum.

— Achas que vou conseguir ver um filme do início ao fim com os tomates prestes a explodir?

Olho para ele de boca aberta.

— Com que então, não podes fazer sexo quando eu estou em casa, mas podes subir e fazer *isso*?

Um sorriso maléfico assoma-lhe à boca.

— Podia ter feito isso cá em baixo, mas depois tu irias sentir-te demasiado tentada a substituir-me. Eu estava só a ser simpático.

É difícil não revirar os olhos. Por isso, nem me esforço.

— Acredita em mim, eu não te poria as mãos em cima.

— Com o meu pénis ali à escâncara? Nem pensar. Não conseguirias resistir. — Ele arqueia uma sobrancelha. — Eu tenho uma linda pila.

— Hum-hum. Tenho a certeza que sim.

— Não acreditas em mim? Posso mostrar-te uma fotografia. — Ele estica o braço na direção do telemóvel que está em cima da mesa de centro, mas depois para e leva a mão ao elástico das calças. — Quer dizer, posso mostrar-te mesmo o pénis, se quiseses.

— Não quero. Nem um bocadinho. — Aponto para a televisão. — Escolhi aquele. Já viste?

O Dean sorri ao ver o filme no ecrã.

— Por amor de Deus, é *esse* o filme que escolhes? Há três filmes de terror novos que podemos ver. Ou a filmografia completa do Jason Statham.

— Nada de filmes de terror — digo com firmeza. — Não gosto de apanhar sustos.

— Está bem. Então vamos ver um filme de ação.

— Não gosto de violência.

As faces dele encovam-se de frustração.

— Miúda, não vou ver um filme sobre — ele olha para o ecrã — «o percurso de mudança na vida de uma mulher depois de ser diagnosticada com uma doença terminal». Nem penses.

— As críticas são muito boas — protesto. — Recebeu um Óscar!

— Sabes que mais venceu um Óscar? *O Silêncio dos Inocentes*. *O Tubarão*. *O Exorcista* — diz ele num tom presunçoso. — E são todos filmes de terror.

— Podemos passar a noite toda a discutir isto, mas não vou ver nenhum filme que envolva sangue, ou tubarões, ou explosões. Aprende a aceitar.

O Dean cerra visivelmente os dentes. Depois relaxa a boca e deixa escapar um suspiro pesado.

— Está bem. Se tenho de ver a porcaria do filme em sofrimento, mais vale fumar um charro primeiro.

— Faz como achares melhor, lindinho.

Ele dirige-se ao corredor a resmungar qualquer coisa em surdina.

— Espera — digo eu. Tiro rapidamente o telemóvel do bolso do casaco. — Podes levar isto contigo? Posso ceder à tentação de enviar uma mensagem, se ficar sozinha com o telemóvel.

Ele lança-me um olhar estranho.

— A quem é que não queres enviar uma mensagem?

— Ao meu ex-namorado. Acabámos ontem à noite e ele não para de me enviar mensagens.

Segue-se uma pausa.

— Sabes que mais? Tu vens comigo.

Mal tenho tempo de pestanejar antes de o Dean atravessar a sala e me arrancar da poltrona. Quando os meus pés tocam no chão, perco o equilíbrio e caio sobre o seu tronco enorme e bato com o nariz no peitoral definido dele.

Rapidamente me recomponho.

— Eu estava confortável, idiota.

Ele ignora-me ao mesmo tempo que me puxa até à cozinha. Uma vez que nem sequer me deixou pegar no casaco, eu começo a tremer assim que saímos pela porta das traseiras.

O tronco nu do Dean brilha debaixo da luz do pátio. Ele não parece incomodado com o frio, mas eu reparo que tem os mamilos ligeiramente arrebitados devido ao ar frio da noite.

— Caramba. Até os teus mamilos são perfeitos — digo.

Os lábios dele reviram-se.

— Queres tocar-lhes?

— Blhec. Nunca. Só estou a comentar que são perfeitos e completamente proporcionais ao teu peito.

Ele baixa o olhar para os abdominais e põe-se a matutar.

— Sim, eu *sou* perfeito. Preciso de me lembrar disso mais vezes.

Solto um ronco.

— Pois sim. Porque ainda não és convencido o suficiente.

— Sou confiante — corrige-me ele.

— Convencido.

— *Confiante*. — Ele abre a caixa de estanho pequena que trouxe da cozinha e eu lanço-lhe um olhar carrancudo quando ele retira um charro bem enrolado e um isqueiro.

— Porque é que eu estou cá fora? — resmungo. — Não quero fumar uma ganza.

— Claro que queres. — Ele acende o charro, dá uma passa demorada e depois fala por cima da nuvem de fumo. — Estás toda enervada e estranha. Confia em mim, precisas disto.

— A isto chama-se pressão de grupo, sabias?

Ele estende o charro e arqueia uma sobrancelha.

— Vá lá, lindinha — provoca-me ele numa cantilena. — Só uma passa. Todos os miúdos fixes o fazem.

Não consigo deixar de soltar uma gargalhada.

— Vai-te lixar.

— Como queiras. — Ele volta a dar uma passa e eu sou envolvida pelo cheiro de marijuana.

Não me lembro da última vez que fiquei pedrada. Não o faço com frequência, mas, para ser sincera, se há uma noite em que se justificava era esta.

— Oh, está bem. Passa para cá. — Estendo a mão antes de pensar duas vezes.

O Dean mostra-se radiante quando me passa a ganza.

— Linda menina. Mas não contes à Wellsy. Ela dá-me uma tarefa, se achar que estou a corromper a melhor amiga dela.

Envolvo o charro com os lábios e puxo o fumo para dentro dos pulmões, tentando não me rir ao ver a preocupação genuína no rosto do Dean. Ele tem motivos para ter medo da Hannah. A miúda tem a língua afiada e não tem medo de a usar. É por isso que a adoro.

Passamos os minutos seguintes em silêncio a passar o charro para a frente e para trás como se fôssemos dois rufias a fumar atrás de uma bomba de gasolina. É a primeira vez que passamos tempo juntos só os dois, e é uma sensação estranha estar nas traseiras com um Dean Di Laurentis sem camisola. Para ser sincera, nunca soube interpretá-lo bem. Ele é convencido, mulherengo...

Superficial.

Sinto-me uma idiota por pensar assim, mas não posso negar que esses são os adjetivos que me vêm à cabeça sempre que vejo o Dean. A Hannah disse-me que ele é podre de rico, e dá para ver. Não de uma forma pomposa ou exibicionista, mas sim pela postura dele,

como se fosse o dono do mundo. Tenho a sensação de que nunca passou por necessidades na vida. Basta olhar para ele para *saber* que este rapaz tem tudo o que quer e quando quer.

Hum. E pelos vistos a marijuana deixa-me filosófica e crítica.

— Com que então, levaste com os pés? — pergunta ele, por fim, enquanto me vê a dar mais uma passa.

Sopro o fumo diretamente para o rosto dele.

— Não levei com os pés. Fui eu que acabei com ele.

— Com o mesmo gajo com quem estás há uma eternidade? O tipo da república? O Stan?

— Sean. E sim. Já namoramos desde o primeiro ano da faculdade.

— Credo. Isso é demasiado tempo para comer a mesma pessoa. O sexo era muito entediante?

— Porque é que para ti tudo tem que ver com sexo? — Devolve-lhe o charro. — E fica sabendo que o sexo era bom.

— Bom? — Ele solta um risinho. — Uau, tanto entusiasmo.

Já começo a sentir os efeitos da ganza, a cabeça leve, o corpo relaxado, e essa é provavelmente a única razão pelo qual continuo a falar. Numa altura normal, nunca me passaria pela cabeça desabafar com este tipo.

— Bem, diria que mais para o fim já não era assim tão bom — admito. — Mas isso talvez seja porque andávamos a discutir desde o verão.

— Mas esta não é a primeira vez que acabam, pois não? Porque é que estavas sempre a voltar para ele?

— Porque o amo — corrijo. — Porque o *amava*. — Meu Deus, já nem sei. — As primeiras vezes que terminámos não foi porque um de nós tenha feito algo de errado. Eu achava que a relação estava a ficar demasiado séria, demasiado depressa. Andávamos no primeiro ano e parecia que devíamos estar a aproveitar a vida e tudo o mais.

— Aproveitar a vida é bom — concorda ele, de modo solene. — Uma vez, eu aproveitei uma miúda bem jeitosa que despejou xarope de ácer por cima do meu pénis e depois o lambeu.

— Blhec. — Reviro os olhos. — Para dizer a verdade, quis aproveitar a vida e correu tudo mal. Saí com alguns rapazes e eram uns idiotas chapados. E foi aí que percebi que tinha uma boa relação com o Sean.

O Dean sopra outra nuvem de fumo.

— Está certo. Mas depois vocês acabaram.

— Sim. — A memória evoca uma onda de irritação. — Dessa vez foi porque ele se tornou tremendamente controlador. Um dos companheiros de república dele atirou-se a mim numa festa e o Sean decidiu que nunca mais ninguém poderia olhar para mim. Começou a dizer-me como me vestir, a enviar-me mensagens a toda a hora a perguntar onde é que eu estava e com quem estava. Era sufocante.

Foi a vez de o Dean revirar os olhos.

— Diz a miúda que voltou para ele logo a seguir.

— Ele prometeu que seria diferente. E foi. Ele parou de ser melga e depois disso foi *muito* bom para mim.

O Dean não parece convencido, mas isso pouco me importa. Não me arrependo de ter aceitado o Sean de volta. Depois de dois anos e meio com ele, eu sabia que tínhamos uma relação pela qual valia a pena lutar.

— O que nos leva ao rompimento número quatro. — O Dean inclina a cabeça em jeito de curiosidade. — O que é que aconteceu?

Sinto uma sensação de desconforto no peito.

— Já te disse. Andávamos a discutir muito.

— Acerca do quê?

As palavras saem-me da boca antes que tenha a oportunidade de travá-las. Raios me partam. Ele enrolou o charro com um soro da verdade ou quê?

— Sobretudo por causa do último ano e do que iríamos fazer depois de acabarmos a faculdade. O meu plano sempre foi ir para Los Angeles e concentrar-me na representação.

Ou Nova Iorque. Mas não digo isso ao Dean. Ainda não tomei uma decisão, e o Dean é a última pessoa com quem tenciono discutir decisões profissionais decisivas. O gajo é tão oco que dói.

— Quando começámos a namorar, o Sean não se importava com isso, mas, de repente, este verão ele decidiu que não quer que eu siga representação. Aliás, ele não quer que eu trabalhe de todo. — Franzo o sobrolho. — Meteu na cabeça que vai trabalhar na empresa de seguros do pai no Vermont e que eu vou ser a dona de casa feliz que tem o jantar do marido pronto quando ele chega a casa.

O Dean encolhe os ombros.

— Não há problema nenhum em ser dona de casa.

— Claro que não, mas eu não quero ser uma dona de casa — digo, num tom de voz frustrado. — Passei quase quatro anos a esfalfar-me para concluir a licenciatura em Artes Dramáticas. Quero *usá-la*. Quero ser atriz e não posso estar com uma pessoa que não me apoia. Ele... — Calo-me e mordo o lábio.

— Ele o quê?

— Nada. Esquece. — Arranco-lhe o charro da mão e inspiro profundamente. Demasiado até, porque começo a tossir como uma louca. Fico com os olhos humedecidos e, quando consigo ver com nitidez, encontro uns olhos verdes sérios a olhar atentamente para mim.

— O que é que ele fez? — indaga o Dean, num tom de voz suave. — Ele merece uma tarefa valente ou não? Eu e o Garrett somos lutadores razoáveis, mas se quiseses que ele leve uma tarefa a sério, podemos atçar-lhe o Logan.

— Ninguém vai dar uma tarefa a ninguém, idiota. O Sean não me fez nada de mal e não preciso que lhe batam. A única coisa que quero que faças é ficar com a porcaria do telemóvel. — Coloco o telemóvel na mão do Dean. — Mantém-no afastado de mim este fim de semana, pode ser? Só precisas de me dar o telemóvel se o meu pai me ligar. Ou a Hannah, ou a Stella. Ou a Meg... Sabes que mais? Eu vou conferir as chamadas algumas vezes por dia sob a tua supervisão, assim podes dar-me uma bofetada se eu tentar enviar uma mensagem ao Sean.

O Dean parece intrigado.

— Então isso faz de mim o padrinho da tua relação? Vou ser aquele que se certifica de que não cometes um deslize?

— Sim, parabéns. Finalmente vais poder fazer algo de valioso com o teu tempo — observo de forma sarcástica.

Ele inclina a cabeça.

— E o que é que recebo em troca?

— A satisfação de saber que estás a ajudar uma pessoa que não tu próprio.

— Não me parece. E que tal um broche? Faço isso em troca de um broche.

Faço-lhe um pirete.

— Isso querias tu.

— Pronto, uma pívia.

— Não sejas parvalhão. Por favor. Não tenho força de vontade quando se trata do Sean.

Como se adivinhasse, o telemóvel toca na mão do Dean e o meu primeiro instinto é tentar pegar nele. Ele afasta rapidamente o telemóvel e depois olha para o ecrã.

— É o Sean. — Os lábios dele estremecem de divertimento. — Ele sente falta do sabor dos teus lábios.

O meu coração dá um salto de nervosismo.

— Mais uma regra: não me podes dizer o que ele disse.

— Estás a dar-me demasiada responsabilidade, boneca. E eu não gosto de responsabilidade.

Que choque.

— Tu consegues, *boneco*. Eu tenho fé em ti.

O Dean dá uma última passa no charro e depois apaga-o no cinzeiro e encaminha-se para a porta de vidro deslizante. Meu Deus, até a forma como ele caminha é arrogante. Mas confesso que o torna bonito. Sem querer, o meu olhar incide no rabo sexy dele e na forma como as calças se colam à pele. Sim, estou a tirar as medidas ao rabo dele. Quer dizer, ele tem um rabo espetacular e eu sou *mulher*... como podia não o fazer?

— Estás a fazer isto mal, sabias? A melhor forma de esquecer uma pessoa é enrolares-te com outra. E o mais depressa possível.

Aquelas palavras afastam o meu olhar do rabo dele.

— Ainda não estou preparada para estar com outra pessoa.

— Claro que estás. A sério, basta-te encontrar um prémio de consolação. — O Dean levanta o braço. — E eu voluntario-me como tributo.

Deixo escapar uma gargalhada.

— Vai sonhando.

Mas, no fundo, estou a considerar a sugestão. Um prémio de consolação não é uma má ideia, por acaso. É como quando caímos de um cavalo, as pessoas aconselham-nos sempre a voltar a montá-lo, certo? Talvez seja isso que eu precise de fazer, voltar a montar a sela. Quando muito, seria uma boa distração da dor no meu coração.

Mas certamente não o faria com o Dean. Nem pensar. Preferia encontrar uma sela que ainda não tivesse sido montada por todas as raparigas da Briar.

— É uma ideia para colocar um pionés — decide ele.

— Se for para colocar essa ideia parva num balão e espetar-lhe um pionés para o rebentar, então, sim, podemos colocar-lhe um pionés.

O Dean para junto à porta e depois vira-se, mirando-me de cima a baixo com os seus olhos verdes sedutores.

— Por acaso, quanto mais penso nisso, mais gosto da ideia de ser o teu prémio de consolação. — O olhar dele incide no meu peito. — Aliás, gosto *bastante* dessa ideia.

Abafo um gemido.

— O Garrett prometeu que não te atiravas a mim este fim de semana.

— O G sabe que não é boa ideia fazer promessas em meu nome — responde o Dean com um sorriso no rosto. — Então, vamos ver o filme ou quê?

Sigo-o para dentro. Tenho a cabeça a andar à roda por causa da ganza, mas sinto-me bem, e quando o Dean para no meio do corredor para puxar as calças de fato de treino que estão prestes a cair-lhe das ancas, por algum motivo eu começo a rir-me como se isso fosse a coisa mais engraçada que já vi.

A minha boa-disposição esmorece quando nos sentamos no sofá, porque o Dean senta-se mesmo ao lado e desliza um braço musculado

em volta dos meus ombros, puxando-me para si. Como se isso fosse completamente normal.

Lanço-lhe uma expressão carrancuda.

— Porque é que tens o braço à minha volta?

Ele revela uma expressão inocente.

— É assim que vejo filmes.

— Ah, sim? Tu pões o braço à volta do Garrett quando veem filmes?

— Claro. E se ele for simpático comigo, às vezes até lhe meto a mão dentro das calças. — O Dean baixa a outra mão para o elástico das minhas leggings. — Sê simpática comigo e eu prometo que serei ainda mais simpático para ti.

— Hum. Nem pensar. — Afasto-lhe a mão, mas sinto uma onda de calor a irradiar no meio das minhas coxas. O tronco nu dele é espetacular e está a provocar-me, a pedir-me que passe os dedos por aqueles músculos trabalhados. E ele cheira maravilhosamente. A mar. Não, a coco. Estou a sentir-me demasiado inebriada para determinar o cheiro, mas não inebriada o suficiente para não me aperceber de que a minha vagina continua a palpitar desenfreadamente.

Oh, por amor de Deus. A minha vida sexual deve andar mesmo pelas ruas da amargura, se me sinto excitada na presença do Dean Di Laurentis.

— O que mais temos para fazer? — pergunta ele.

Aponto para a televisão.

— Ver um filme.

— Prefiro ver-te a ti. — Ele agita as sobrancelhas. — Quando estiveres a gritar o meu nome enquanto te faço vir.

Desta vez não sinto qualquer palpitação. Apenas uma onda de gargalhadas que saem da minha boca de forma incontrolável.

— Credo, és péssima para o ego de um homem. — Ele parece insultado.

Engulo ar entre as gargalhadas. Sim, estou pedrada e relaxada e perdi qualquer filtro que possa ter, o que significa que posso gozar com o Dean à vontade e depois culpar a ganza.

— Desculpa, mas tu às vezes és insuportável. — Não consigo parar de rir. — As raparigas caem nestes engates?

Ele produz um som pouco favorecedor em surdina.

— Põe lá a porcaria do filme.

— Com todo o gosto. — Primo o botão do comando e deslizo para a outra ponta do sofá, deixando uns metros de distância entre nós.

Devo dizer que o Dean não abriu a boca durante quase 30 minutos. Mantém o olhar colado ao ecrã, mas pelo canto do olho consigo perceber que está agitado, a bater com os dedos compridos nas coxas. A passar uma mão pelo cabelo. A suspirar enquanto vemos a protagonista preparar uma omelete em tempo real.

Quando ela se senta à bancada e começa a comer a omelete — em *tempo real* —, o Dean sofre uma erupção como se fosse um vulcão adormecido.

— Este filme é uma treta! — geme ele. Sonoramente. — Pronto. Já disse. Esta porcaria de filme é uma *treta*.

— Eu gosto. — Estou a mentir. Aguentar este filme é tão doloroso como ver tinta a secar. Nem sequer a ganza que fumámos consegue tornar esta experiência mais agradável, mas não quero admitir que fiz uma má escolha. Não podemos dar o braço a torcer com um tipo como o Dean. Nunca. Ou ele há de me atirar isso à cara até morrer.

— É impossível gostares deste filme — desafia-me ele.

— Mas gosto — insisto.

Ele fica a olhar para mim durante vários segundos, mas eu recorro às minhas capacidades de representação e faço-me de inocente.

— Olha, mas eu, não. Este filme não tem ponta por onde se lhe pegue.

Ofereço uma sugestão útil.

— Porque não vais lá acima bater uma outra vez?

Merda. Não devia ter dito aquilo. Os olhos dele assumem de imediato um brilho sedutor.

Com um sorriso presunçoso, ele inclina-se para mim e diz:

— E se fizesses isso por mim?

Este tipo não tem emenda.

— Voltámos a essa conversa? *Nunca* aceitas um não?

— Não conheço essa palavra. Nunca ninguém me disse antes.

— Ele aproxima-se mais e pousa a palma da mão no espaço do sofá entre nós e afaga o tecido suave. — Vá lá, vamos tornar esta festa mais interessante. Estamos sozinhos em casa... somos os dois bonitos...

Rio-me.

— Vai ser divertido. O sexo é sempre divertido.

— Dispensso.

— Pronto, nada de sexo. E que tal só sexo oral?

Finjo que penso numa resposta.

— Eu dou ou recebo?

— Recebes. E depois dás. Porque é assim que se faz. — Ele esboça um sorriso de orelha a orelha. — Sabes como é o círculo da vida e tudo o mais.

Não consigo deixar de me rir. Podemos dizer o que quisermos sobre este tipo, mas pelo menos ele é divertido.

— Dispensso — volto a dizer.

— Queres curtir? — pergunta ele, esperançoso.

— Não.

— Eu beijo muito bem... — Ele deixa esse pensamento a pairar como se pretendesse seduzir-me.

— Hum. Isso significa precisamente o contrário. Sempre que um gajo diz que beija bem é porque é uma nódoa.

— Ah, sim? Tens alguma evidência empírica que comprove isso?

— Claro que sim. — Não tenho nada. E o Dean conhece a palavra *empírico*? Uau. Talvez haja mais do que ar dentro daquela cabecinha bonita.

Ele parece pronto para armar uma discussão comigo, mas somos interrompidos por música aos berros vinda do telemóvel dele. Faço uma careta quando reconheço a canção.

Homens. Não podem perder um segundo a baixar a tampa da sanita, mas têm tempo para programar o tema musical da ESPN como toque do telemóvel?

A expressão do Dean ilumina-se quando vê quem lhe está a ligar, atendendo logo de seguida.

— Maxwell! Tudo em cima? — Ele ouve e depois lança-me um olhar esperançoso. — Queres ir a uma festa?

Abano a cabeça.

A pessoa do outro lado da linha é obrigada a aguentar o suspiro mega dramático do Dean.

— Desculpa, meu, mas não posso. Estou a fazer de *babysitter*...

Dou-lhe uma palmada no braço.

— ... e ela não quer ir — conclui, enquanto olha para mim. Faz novamente uma pausa. — Não, ela já é crescida.

O quê?

— Estou a tomar conta de uma adulta, meu. A amiga da namorada do G. — O Dean continua a falar como se eu não estivesse lá. — Estamos a ver um filme sobre uma mulher com cancro, e não vale nada... sim, o cancro é uma merda, de um modo geral. Quer dizer, tenho muita pena de quem tem, mas o filme é péssimo. Sim... não, o jogo é na terça-feira... é verdade. Sim, na boa. Podemos ir ao Malone's. Até depois, meu.

Ele desliga e lança-me um olhar carrancudo.

— Podia estar numa festa neste preciso momento.

— Ninguém te obriga a passar tempo comigo — digo.

— Estou a *tentar* ser simpático contigo por causa do teu desgosto amoroso e tudo o mais. Mas és capaz de demonstrar alguma gratidão? Nada disso. Nem sequer aceitas beijar-me.

Inclino-me para a frente e dou-lhe uma palmada no ombro.

— Oh, meu lindinho. Tenho a certeza de que qualquer rapariga que esteja na tua lista de contactos não se importaria de vir aqui enfiar a língua dentro da tua boca. Já eu tenho princípios.

— Como assim? Não sou suficientemente bom para ti? — Ele arqueia as sobrancelhas. — Só para que saibas, a tua amiga Wellsy adorou beijar-me.

Solto uma gargalhada sonora.

— Referes-te ao chocho que ela te deu só para o Garrett não perceber o quanto ela gostou de *o beijar a ele*? Sim, estou a par desse

beijo, meu querido. Foi um beijo de desespero. — Se bem que ainda não me cabe na cabeça que a Hannah tenha mesmo beijado este tipo. O Dean não é *nada* o estilo dela.

Por outro lado, também nunca pensei que o Garrett Graham, a superestrela do hóquei no gelo, fosse o estilo dela, e agora olhem para eles. São almas gémeas.

— Não foi um beijo de desespero — contrapõe o Dean.

— Hã-hã. Continua a convencer-te disso.

Ele olha para o ecrã. A protagonista está novamente a cozinhar. Só que desta vez é o jantar, e a câmara filma demasiadas vezes de perto as batatas que ela está a descascar, o que é desnecessário. Ela come muitas vezes neste filme.

— Meu Deus, matem-me já. — Ele recosta-se e passa as mãos pelo cabelo, deixando-o despenteado. — Não consigo ver nem mais um segundo disto.

Eu também não, mas fui eu que fiz a cama e agora sou obrigada a deitar-me nela.

— Sabes que mais? — anuncia ele. — Esquece a ganza. Só há uma coisa capaz de tornar este filme suportável.

— Ah, sim? O quê?

Em vez de responder, ele levanta-se do sofá e desaparece para dentro da cozinha. Desconfiada, ponho-me a ouvir os barulhos dos armários a abrir e a fechar, os copos a baterem uns nos outros, e depois ele volta com uma garrafa de vinho numa mão e dois copos na outra.

O Dean esboça um sorriso e diz:

— Tequila.



3

Allie

Alguém está a bater na minha cabeça com um martelo. Com um daqueles martelos comicamente enormes com que vemos as personagens de banda desenhada a bater umas nas outras. É horrível. É barulhento.

Oh, meu Deus. Estou com uma ressaca descomunal.

Até mesmo o audível grunhido que se me escapa dos lábios é suficiente para deixar as minhas têmporas em agonia. E o gesto de me remexer na cama evoca uma onda de náusea que me comprime a garganta e me humedece os olhos. Respiro para que passe. Inspiro. Expiro. Só preciso de controlar a náusea o tempo suficiente até chegar à casa de banho, para não vomitar em cima dos lençóis lavados do Garrett Graham.

Não estou na cama do Garrett.

Apercebo-me disso ao mesmo tempo que ouço o som de respiração. Não a respiração oca que me sai da garganta e que me faz lembrar que bebi demasiada tequila, mas sim a respiração suave e uniforme do tipo que está ao meu lado.

Desta vez, quando gemo, o gemido vem de dentro da minha alma.

As memórias vêm-me à mente em cores nítidas. O filme terrível. Os *shots* de tequila. O... resto.

Dormi com o Dean ontem à noite.

Duas vezes.

O meu coração bate mais depressa enquanto olho para o teto. Estou no quarto do Dean. Há um invólucro vazio de preservativo na mesinha de cabeceira. E... sim, estou nua.

Talvez seja um pesadelo, tenta assegurar-me uma voz no interior da minha cabeça.

Respiro fundo novamente e reúno a coragem para virar a cabeça. E o que vejo tira-me novamente o ar dos pulmões.

Um Dean todo nu está deitado sobre a barriga. O seu rabo nu deixa-me consternada, não apenas pela sua perfeição, mas pelos arranhões vermelhos que tem nas nádegas.

Foram as minhas unhas que fizeram aqueles arranhões. Levanto uma mão trémula e reparo que tenho a unha do indicador partida. *Eu parti uma unha* quando cravei as unhas no rabo do Dean. Isso deve ter acontecido lá em baixo, porque me lembro de ele estar por cima de mim quando nos encontrávamos no sofá. O chupão roxo no ombro esquerdo dele deve ter acontecido aqui, durante a nossa segunda ronda, porque dessa vez fiquei *eu* por cima.

«Quero ver esse quarto misterioso. Quero ser a primeira a batizá-lo.»

As minhas palavras rodopiam no meu cérebro já de si entorpecido. Afinal de contas, não fui a primeira rapariga que ele trouxe ao seu quarto. Ele próprio me disse isso. E não foi só isso que ele revelou. Sim, agora estou na posse do segredo que a Hannah anda a tentar descobrir há mais de um ano: porque é que o Dean prefere fazer sexo em todo o lado menos no quarto.

Infelizmente, o segredo não termina aí. Eu sei qual é a aparência do Dean quando está nu. Eu sei qual é a sensação de ele me penetrar. Eu sei quais são os sons que ele faz quando se vem.

Sei demasiado.

A minha cabeça martela com mais força.

Merda.

Merda, merda, merda.

Que raio fui eu fazer? Nunca fiz sexo casual antes. Tive três parceiros sexuais, dois na escola secundária e um na faculdade, e todos eram namorados oficiais.

O meu olhar incide novamente no corpo longo e musculado do Dean. Porque permiti que isto acontecesse? Eu aguento o álcool. Não estava perdida de bêbada ontem à noite. Não estava a arrastar a fala ou a tropeçar em tudo ou a portar-me como uma idiota. Eu sabia bem o que estava a fazer quando dei o primeiro passo e beijei o Dean.

Eu dei o primeiro passo.

Mas o que se passa comigo?

Pronto. Pronto. Não é o fim do mundo. Massajo as têmporas em sofrimento com as pontas dos dedos e obrigo-me a ignorar o homem que está a dormir ao meu lado. Não há problema. Foi apenas uma noite de sexo casual. Ninguém morreu. Talvez me venha a arrepender — desesperadamente —, mas os arrependimentos são para piegas, como costuma dizer o meu pai. Temos de aprender com os erros e seguir em frente.

É isso que eu preciso de fazer. Seguir em frente. Não, simplesmente *seguir*. Ou seja, esgueirar-me desta cama, tomar um duche demorado e fingir que a noite de ontem nunca aconteceu.

Determinada a seguir o plano, levanto discretamente o lençol que me tapa a parte de baixo do corpo. O colchão chia e eu paraliso e olho em pânico para o Dean.

Ele continua morto para o mundo.

Pronto. Respiro novamente e empurro as pernas para o outro lado da cama. Quando os meus pés tocam no chão, o Dean mexe-se. Solta um meio gemido, meio suspiro. E depois rebola para o outro lado e, *oh, meu Deus*, consigo ver-lhe o pénis.

As minhas faces aquecem quando olho para o material dele. Mesmo flácido é impressionante. Ele tinha razão, tem um pénis incrível.

E a não ser que a memória me esteja a falhar, acho que elogiei a glória daquele pénis várias vezes ontem à noite.

As minhas faces aquecem ainda mais quando me lembro de tudo o que lhe disse. Tudo que lhe fiz.

Um gemido silencioso sobe-me à garganta. Pronto, já chega de recordações. Preciso de me pisgar deste quarto. Não, primeiro tenho de encontrar o meu telemóvel.

Perscruto o quarto e depois encontro as calças de fato de treino do Dean. Ele vestiu-as depois do nosso enrolanço no sofá e tenho quase a certeza de que o meu telemóvel está dentro do bolso dele.

Não consigo encontrar as minhas roupas. Da última vez que as vi, estavam numa pilha no chão da sala de estar. O que me deixa ainda mais preocupada, porque isso significa que o Tucker deve tê-las visto quando chegou a casa ontem à noite. Merda. E deve ter-nos ouvido, porque sabe Deus que eu não estava a controlar o meu tom de voz enquanto tinha a língua do Dean no meio das minhas...

Não, recuso-me a pensar nisso.

Procuro o meu telemóvel nos bolsos dele. Sim. Está aqui. Graças a Deus.

Digito o código. Sinto uma pontada de culpa vinda de todas as direções quando vejo as mensagens por ler do Sean.

Meu Deus. Se ele soubesse o que eu andava a fazer quando me enviou todas aquelas mensagens sentimentais. Não é que lhe deva alguma explicação. Nós terminámos. E vamos continuar separados. Mas não consigo deixar de me sentir mal por saber que dormi com outra pessoa enquanto o Sean estava em casa, desesperadamente a tentar reconquistar-me.

Só que este não é um tipo qualquer. Eu dormi com o *Dean*. Dean, o tipo que estava prestes a fazer um *ménage à trois* antes de eu ter aparecido. Dean, o tipo que vai para a cama com tudo o que mexe. Dean, o tipo que...

— Passa-o para cá, boneca.

A voz dele arranca-me um guincho. A minha cabeça vira-se para a cama, onde o Dean está a sentar-se e a passar uma mão pelo cabelo desgrenhado de quem acabou de acordar. Ele não parece nem soa sonolento. Tem os olhos verdes despertos e o corpo nu está... a transformar-se.

Sinto-me corar ao ver o seu pénis ficar rapidamente ereto, por isso baixo o olhar para os pés descalços.

— Importas-te de te tapar, por favor?

— Não foi isso que disseste ontem à noite...

O tom de voz dele é divertido.

— Não vamos falar sobre ontem à noite. Nunca mais.

Ele parece ainda mais divertido.

— Oh, tem lá calma. Foi só sexo. — Ele não faz qualquer movimento no sentido de tapar a parte de baixo do corpo com o lençol. Em vez disso, estica os braços por cima da cabeça, chamando a minha atenção para os músculos fletidos. E para os pulsos. Tem marcas vermelhas em torno dos pulsos...

Porque eu atei-o à cama ontem à noite.

Valha-me Deus.

Quando ele percebe para onde eu estou a olhar, curva os cantos da boca para cima.

— Tenho de confessar que foi muito mais perverso do que esperava que fosse — continua ele, piscando-me depois o olho. — Mas não me queixo.

Matem-me já.

Sou invadida por outra vaga de humilhação e pego na peça de roupa mais próxima que consigo encontrar para a enfiar pela cabeça. Trata-se de uma t-shirt preta com gola em V. Um cheiro familiar tolda-me os sentidos. Um cheiro masculino e apimentado. É o mesmo cheiro que senti ontem à noite quando os meus lábios percorriam o peito nu do Dean. Quando o meu rosto estava enterrado no pescoço dele enquanto eu lambia a pele dele como se fosse uma guloseima. E, sim, ele tem outro chupão na garganta. Eu fui mesmo bruta com este tipo.

— Não vamos falar sobre isso — digo eu, de dentes cerrados. — Aconteceu, foi bom e nunca mais esse assunto virá à baila.

— Foi *bom*? — A sorrir, o Dean passa uma mão pelo peito e pousa os dedos compridos em cima da cabeça da sua ereção vigorosa. — Foi mais do que bom, e sabes bem disso.

— Podes, por favor, vestir-te? — imploro-lhe.

— Não posso, estás a usar a minha t-shirt. — Ele arqueia uma sobrancelha. — Porque não a despes e a atiras para aqui?

Nem pensar. Este tipo nunca mais volta a ver-me nua.

Uma vez que me recuso a dar-lhe a camisola, só me resta virar-lhe as costas para ver o telemóvel. Ignoro as mensagens do Sean e passo para as mensagens das minhas amigas. Tenho uma mensagem da Hannah a perguntar como correu a noite e outra da Megan a convidar-me para um *brunch*.

Respondo rapidamente à Megan com um SIM e peço-lhe que me venha buscar à casa do Garrett. Assim que surge a bolha cinzenta a informar de que ela está a escrever uma resposta, o telemóvel é-me retirado da mão.

— Ei! — Fico espantada ao encontrar o Dean atrás de mim. Credo. O tipo parece um ninja.

— Isto é responsabilidade minha, lembras-te? — Ele está novamente a gozar comigo e a manter o telemóvel longe do meu alcance. — No papel de teu padrinho, devo aconselhar-te a ignorar — ele olha para o ecrã — estas nove mensagens do teu ex-namorado. Lê-las não te vai trazer nada de bom.

Ele tem razão em relação a isso. Mas depois do que aconteceu entre nós ontem à noite, não vou permitir que o Dean seja o padrinho da minha relação.

— Está tudo bem — murmuro. — Não preciso da tua ajuda.

Ele volta a provocar-me.

— Não foi isso que me disseste ontem à noite. O teu telemóvel vai ficar sempre comigo este fim de semana, Allie-Gata. E não quero discussões.

Allie-Gata? Por amor de Deus. Ele atribuiu-me uma alcunha.

— Vou ter com uma amiga — digo eu, empertigada. — Por isso preciso do meu telemóvel, está bem? Além disso, as tuas funções de padrinho estão oficialmente terminadas. Vou voltar para a residência depois do *brunch*.

Ele franze o sobrolho.

— Não, vais passar aqui o fim de semana.

— Já não.

Tento retirar-lhe o telemóvel da mão. Ele volta a afastá-lo.

— Isso é porque demos uma queca ontem?

Sinto as faces a aquecerem.

— Que parte de *nunca mais vamos falar sobre isso* é que não percebeste?

— Isto é uma treta. Não te podes ir embora só porque apanhámos uma bebedeira e nos enrolámos duas vezes. Estás a exagerar.

Respiro fundo.

— Podemos não falar sobre isso, por favor?

— Linda, achas que eu gosto de falar sobre isto? Preferia rebolar por cima de vidro partido a ter de lidar com este ambiente da manhã seguinte. Se fosses outra rapariga, eu esquecia o assunto, mas tu és a melhor amiga da Wellsy, por isso somos obrigados a falar sobre isso. — Ele pragueja. — Oh, merda. A Wellsy vai matar-me.

Ele tem razão, *é uma valente merda*. Com certeza irei receber um sermão duro da Hannah, se ela souber que dormi com o Dean. Talvez daqui a uns dias, ou uma semana — ou uma década — consiga dizer-lhe o que aconteceu ontem à noite, mas, neste momento, só quero esquecer este episódio. E isso implica não contar nada à minha melhor amiga durante o máximo de tempo que conseguir.

— Ela não te vai matar porque não lhe vamos contar — digo, com firmeza. — A sério, isto tem de ficar entre nós.

— Concordo.

— E nunca mais podes falar sobre isso. No que me diz respeito, isto não aconteceu.

Ele esboçou um sorriso presunçoso.

— Não te iludas, boneca. Não vais conseguir parar de pensar em mim, agora que já sabes do que sou capaz. — Para terminar em beleza, ele agarra o pénis semiereto e puxa-o suavemente.

Uma onda de calor desce ao meu sexo.

Bolas. Maldito seja o Dean e o seu maldito pénis fantástico.

— Já esqueci tudo o que aconteceu — minto. Mas na minha cabeça começam a surgir mais memórias, o que me dá vontade de soltar um grito de frustração.

«Gosto que gostes disto...»

«Hum. Com que então admites... gostas de mim», atira ele.

Sorri perante imagem dos seus pulsos imobilizados. «Eu disse que gosto que gostes disto.» A minha boca desce lentamente na direção do pénis ereto dele. «Completamente à minha mercê...»

Meu Deus. As minhas faces estão novamente a arder. No que dizia respeito ao sexo, o Sean nem sempre alinhava na minha natureza aventureira. Normalmente, eu tinha de convencê-lo a experimentar qualquer que fosse a indecência que me despertasse o interesse.

O Dean não hesitou nem um pouco em aventurar-se sexualmente.

— Precisas que te lembre de como foi bom? — Ele inclina a cabeça em jeito de brincadeira, ainda com a mão no pénis.

— Não, preciso que te comportes como um adulto — expludo. Estou a perder a paciência com ele e estou demasiado irritada comigo própria para conseguir controlar o mau feitio. — Estou de ressaca e a morrer de vergonha, e tu estás a piorar as coisas ao atirares-me à cara o que aconteceu ontem à noite, está bem?

A expressão dele abate-se.

— Merda. — Pigarreia e larga o pénis. — Desculpa, não te queria deixar desconfortável. — Veste as calças do fato de treino. — E não tens motivo para sentir vergonha. Somos dois adultos. Divertimo-nos e demos prazer um ao outro várias vezes. Não é nada de especial, está bem? Mas se não quiseses que volte a falar sobre o assunto, não falo.

Deixei escapar um suspiro trémulo.

— Obrigada.

O Dean sonda-me o rosto.

— Está tudo bem entre nós?

Lá consigo acenar com a cabeça. Ainda está a latejar, mas não é a ressaca que me está a deixar fraca e trémula neste momento. É o facto de ter feito algo completamente atípico. É por saber que dormi com outra pessoa somente 24 horas depois de ter acabado com o Sean. *Eu* não sou assim, caramba.

— Tens a certeza? — insiste ele.

Obrigo-me a falar.

— Está tudo bem entre nós, Dean. — Nisto, o meu telemóvel apita com uma mensagem da Meg a avisar que chega dali a cinco

minutos. — Preciso de me vestir. A Megan está quase a chegar. — Mordo o lábio quando me ocorre um pensamento. — Merda. As minhas roupas estão lá em baixo. O Tucker...

Quando me calo, o Dean dirige-se à janela e espreita pelas cortinas.

— Ele não está cá. A carrinha do Tucker não está aqui. Acho que não veio para casa ontem à noite.

Sou invadida ao mesmo tempo por uma onda de alívio e de irritação. Porque onde estava o Tucker ontem à noite quando precisava dele? Se ele estivesse em casa, eu provavelmente não teria acabado na cama com o Dean. Ou talvez tivesse acabado antes na cama com o Tucker, que, por acaso, é o ruivo mais sexy que alguma vez conheci. Também é mais calado do que os colegas de casa e não fala muito sobre si, mas, do que consegui perceber, é inteligente, bem-falante e decididamente bem-parecido.

Pensando bem, o Tuck teria sido um *fantástico* prémio de consolação.

— Vou lá abaixo buscar as roupas — murmuro, de modo constrangido.

Ele diz-me:

— Como vais justificar à Wellsy que te foste embora antes de o fim de semana acabar? Já sabes que ela vai fazer perguntas.

Raios. Ele tem razão.

— Digo-lhe que decidi ser uma menina crescida e lidar com a separação em casa.

Já vou a caminho da porta quando a voz dele me detém mais uma vez.

— Allie?

— Sim? — digo, virando-me para ele.

Há um brilho triste nos seus olhos.

— Tens a certeza de que estás bem?

Não, não tenho certeza nenhuma.

— Estou bem — minto, saindo em seguida do quarto.

No que respeita a escapadelas depois do sexo, esta nem foi muito má, porque pelo menos não havia ninguém por perto para ver.

PASSAR UMA NOITE
DE BEBEDEIRA COM A ALLIE

CAUSAR BOA IMPRESSÃO,
MESMO SEM QUERER

INICIAR OPERAÇÃO:
RELAÇÃO SECRETA

TUDO CORRE MAL

JUNTOS, VAMOS CONSEGUIR



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-691-2



9 789895 896912